

Padre Antônio Vieira

- A obra do Padre Vieira impõe-se pela elevação e beleza de sua estilística, pela firmeza e clareza de suas construções retóricas.
- Destaca-se o humanismo de suas intervenções político-sociais, em que hora defende índios e negros, ora ataca a corrupção e o abuso, sem se esquecer de defender os cristãos novos, exilados, na tentativa de conseguir o retorno ao reino de seus capitais, tão necessário ao desenvolvimento de Portugal e do Novo Mundo.
- Na realidade, os seus sermões – se bem que fossem clássicas peças de oratória sacra – jamais deixariam de ser, também, vibrantes, enérgicas, e oportunas intervenções político-sociais, se quer tratasse da exploração do trabalho escravo, da corrupção administrativa, ou da guerra contra os holandeses.
- Estudar Vieira é abordar os mais complexos problemas da Vida, e mergulhar no fundo da **Existência e na Essência do Homem**, uma vez que a análise crítica de seus sermões nos põe em contato com fenômenos sociais e existenciais de todos os tempos, pois são de ontem, de hoje, e de sempre, tanto a justiça quanto a liberdade, a ética como a fraternidade, a paz assim como a igualdade perante a lei, a alma e o espírito.
- Vieira protagonizou, na vida real, e com perfeição, as várias e importantíssimas funções de pregador, escritor, professor, diplomata, filósofo, conselheiro real, e outras, no desempenho das quais sempre o brilho de sua argumentação, a integridade, e a retidão de sua personalidade, augustos atributos que, de tão raros, o tornaram alvo da inveja, do despeito ou de interesses feridos.
- Mas, o que mais importa, e se deve destacar na indagável obra do padre Vieira, é a oportunidade dos temas abordados, o sentido de justiça de suas intervenções, e da atualidade de seu conteúdo e de sua doutrina, porquanto – hoje, como ontem – a violência é brutal e generalizada, a miséria injustificada e injusta, e a injustiça social por demais desumana, para não falar da escandalosa e tolerada corrupção.

Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma

“Sabeis, cristãos, sabeis nobreza do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós; nesta quaresma que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos. Estes são os pecados do Maranhão: estes são os que Deus me manda que vos anuncie.(...) E senão, apertemos o ponto e pesemos os bens e males desta proposta.

O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns índios, que eu vos prometo, que sejam mui poucos. (...)

Vamos aos bens, que são quatro, os mais considerados. O primeiro é ficardes com as consciências seguras. Vede que grande bem este. Tirar-se-á este povo do estado de pecado mortal; (...)

O segundo bem é que tirareis de vossas casas esta maldição. Não há maior maldição numa casa, nem numa família, que servir-se com suor e com sangue injusto. Tudo vai para trás: nenhuma coisa se logra tudo leva o diabo. (...)

O terceiro bem é que por este meio haverá muitos resgates com que se tirarão muitos índios; que doutra maneira não os haverá. Não dizeis vós que este Estado não se pode sustentar sem índios?(...)

Quarto, e último bem, que feita uma proposta nesta forma, será digna de ir às mãos de Sua Majestade, e de que Sua Majestade a aprove e confirme. Quem pede o ilícito e o injusto, merece que lhe neguem o lícito e o justo; e quem requer com consciência, com justiça e com razão, merece que lhe façam.”

Sermão da Sexagésima

“Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessária três coisas: olhos, espelho e luz.

Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessário luz e é necessário o espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do

ouvinte; por qual dele havemos de entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?”

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. (...)

Os ouvintes, ou são maus ou são bons: se são bons, faz grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. (...)

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus, não ficam, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por conseqüência clara que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não fruto a palavra de Deus? Por culpa nossa.(...)”

O Pranto e o Riso, ou as lágrimas de Heráclito defendidas em Roma pelo padre Antônio Vieira contra o riso de Demócrito

(Roma, palácio da rainha Cristina da Suécia, 1674)

“Há chorar com lágrimas, chorar sem lágrimas e chorar com riso: chorar com lágrimas é sinal de dor moderada, chorar sem lágrimas é sinal de maior dor; e chorar com riso é sinal de dor suma e excessiva... a dor moderada solta as lágrimas, a grande as enxuga, as congela, e as seca... A mesma causa, quando é moderada, e quando é excessiva, produz efeitos contrários: a luz moderada faz ver, a excessiva faz cegar; a dor, que não é excessiva, rompe em vozes, a excessiva, emudece. De sorte a tristeza, se é moderada, faz chorar, se é excessiva, pode fazer rir; no seu contrário temos o exemplo: a alegria excessiva faz chorar e não só destila as lágrimas dos corações dedicados e brandos, mas ainda dos fortes e duros. (...) Pois se a excessiva alegria é causa do pranto, a excessiva tristeza por que não será causa do riso e a ironia tem contrária significação do que soa; o riso de Demócrito, era ironia do pranto; ria, mas ironicamente, porque o seu riso era nascido de tristeza, e também a significava; eram lágrimas transformadas em risos metamorfoseados da dor; era riso, mas com lágrimas;(...)”

Sermão do Mandato

“Tão inteiramente conhecia Cristo a Judas, porque em Judas mais do que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Ora vede: definindo São Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor não quaerit causam, nec frutum*: “O Amor fino não busca causa nem fruto.” Se amo porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como deve amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo, amo ut amem*: amo, porque amo, amo para amar. Quem ama porque o amam é agradecido; quem ama para que o amem, é interesseiro; quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito de Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos.(...)”

“Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ali pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pode ser efeito do amor o apartar? Assim é, quando o amor não é extremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários. A dor faz gritar; mas se é excessiva, faz emudecer: a luz faz ver; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: *Fortis est ut mors dilectio*: o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sábio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não fala Salomão de qualquer amor, senão do amor forte? *Fortis est ut mors dilectio*: e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Sansão: afetuoso, deixa-se atar; forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso, mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Enquanto amoroso e unitivo, ajunta os extremos mais distantes: enquanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos.”

“Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.”